



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

PROBLEMATIZAÇÃO INDISCIPLINAR DE PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS NO CONTEXTO ESCOLAR

Ludmila Giardini Noronha-UNICAMP

RESUMO

O propósito deste trabalho é apresentar a “problematização indisciplinar de práticas socioculturais” como possibilidade outra para a mobilização dos conhecimentos em contextos escolares de atividade humana. As experiências compartilhadas se referem as intervenções realizadas pelos alunos dos cursos de Licenciaturas da Unicamp, através das aulas de Estágio Supervisionado, com apoio da FAEPEX (Fundo de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão). Neste sentido, toma as práticas socioculturais como inspiração e analisa de que modo tal opção indisciplinar pode contribuir para a formação de futuros professores, uma vez que a perspectiva desconstrucionista de problematização indisciplinar de práticas questiona a disciplinarização dos conhecimentos escolares e a legitimação de certos saberes em detrimentos de outros.

Palavras-chave: Práticas Socioculturais, Problematização Indisciplinar, Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a temática geral do XXII ENDIPE: “Saberes da Didática para a construção da escola democrática”, bem como o eixo no qual se insere este trabalho: “Saberes didáticos, disciplinares e práticas de ensino na Educação Superior”, o propósito deste trabalho é contribuir para o debate destas temáticas através da apresentação da problematização indisciplinar de práticas socioculturais como possibilidade outra para a formação de professores e, na mesma direção para a valorização de conhecimentos outros nos contextos escolares de atividade humana. O intuito é questionar a constituição dos currículos escolares centrados na disciplinarização dos conhecimentos que legitimam certas formas de saber em detrimentos de outros. Vincula-se, portanto, ao grande desafio da prática pedagógica que consiste em lidar com os saberes escolares e os saberes não escolares, muitas vezes excluídos dos processos de mobilização do conhecimento na escola. Nesta direção como lidar com os conhecimentos constituídos fora do contexto escolar? De que modo o que se aprende na escola faz sentido no contexto mais amplo das práticas cotidianas que se constituem em meio à vida? Como as práticas socioculturais mobilizadas em contextos diversos de atividade humana podem ser valorizadas e mobilizadas no contexto escolar como forma legítima de conhecimento?

Sendo assim, a problematização indisciplinar de práticas socioculturais no contexto de estágio pode se configurar como uma inspiração para os futuros professores no sentido de questionar, transgredir e romper com os currículos dados e pré-definidos que se fundamentam em saberes historicamente valorizados e privilegiados, mas que se distanciam dos contextos diversos de atividades nos quais os humanos interagem com os demais seres naturais e tecnológicos e assim mobilizam práticas socioculturais diversas, se constituem e dão sentido à vida.

METODOLOGIA

A problematização indisciplinar de práticas socioculturais não se configura como um método, ao modo cientificista de organização e sistematização dos conhecimentos, mas entende-se que a mesma está centrada em uma postura ou atitude de pesquisa que toma como inspiração as práticas socioculturais mobilizadas nos mais diversos contextos de atividade humana e, portanto, não podem ser inseridas em um padrão ou meta a ser alcançada. Significa discutir, questionar e avaliar todos os tipos de relações assimétricas de poder que se instauram em quaisquer comunidades humanas em nome de uma suposta necessidade de se instaurar diferenças com o propósito de se assegurar vida digna a todos. Conforme aponta MIGUEL (2012) uma problematização indisciplinar não pretende ser um novo método pedagógico, já que nem pretende ser, a rigor, um método, uma vez que não intenciona seguir um caminho uniforme para se atingir um algo comum, e muito menos para se atingir, em todas as situações, algo objetiva e previamente definido, mas sempre que praticada, o que ela produzirá - e, certamente, produzirá algo - é, quase sempre:

“um algo não uniforme, imprevisível e indecível, certamente controlável (isto é, passível e possível de ser controlado), mas quase nunca de um modo objetivo, harmonioso e consensual, independentemente de se ter ou não definido de antemão, ou de se ter desejado atingir, um padrão objetivo de comportamento previsto a ser atingido” (MIGUEL, 2012, p.14).

O que se espera é que ao tomar tal postura como inspiração para a mobilização dos conhecimentos nos contextos escolares possa-se vislumbrar a desconstrução dos pilares sob os quais se assenta a educação moderna dualista que privilegia certos conhecimentos em detrimento de outros e deste modo promover a constituição de uma escola efetivamente democrática, que toma como centro das problematizações as práticas que emergem nos contextos diversos de atividade humana. Para tanto, a perspectiva desconstrucionista, inspirada em DERRIDA (1994, 2003, 2008, 2011) e em abordagens centradas na linguagem de



XXII ENCONTRO WITTGENSTEINIANO (2015) se tornaram os meios pelos quais nos inspiramos para problematizar de modo indisciplinar práticas socioculturais nos contextos escolares de estágios.

REFERENCIAL TEÓRICO

Primeiramente apresenta-se os sentidos que o termo indisciplinar assume no contexto desta pesquisa e nas possíveis práticas que foram mobilizadas nos contextos escolares. O termo indisciplinar está vinculado ao sentido que MOITA LOPES (2006) e outros linguistas atribuíram aos estudos transgressivos da linguagem. Configura-se como uma atitude de pesquisa que pretende lutar para romper com os campos disciplinares que constituem as Ciências de modo geral. O termo indisciplinar se une portanto, ao termo prática com o propósito de realizar um rompimento com as concepções essencialistas de linguagem, de práticas culturais e de conhecimentos ou saberes.

Nesta direção o movimento desconstrucionista, inspirado no filósofo Jacques Derrida, e o movimento da Virada Linguística, impulsionado pelo pensamento do filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein, na segunda fase de seus trabalhos, também ganham força no contexto desta pesquisa, pois ambos os movimentos que inspiram esta pesquisa partem do “caráter não representacional da linguagem e da sua inextricável relação com o mundo” (VEIGA-NETO, 2007, p. 19). Entende que os sentidos são construídos na prática social de uso da linguagem, na relação com os contextos e as formas de vida e neste sentido problematizam os ideais de escolarização que pressupõem a transferência direta de conceitos, teorias, fórmulas e axiomas aos mais diversos contextos de uso em que podem ser mobilizados. Para WITTGENSTEIN (1975) a linguagem é uma forma de vida e está diretamente relacionada e imbricada em nossas práticas sociais constituídas de elementos dos nossos conhecimentos de modo que, a reflexão incide não sobre o que existe e sim, sobre o modo como podemos falar, interpretar e entender as coisas, o uso. Neste sentido deixamos de ver o mundo como algo já dado e passamos a significá-lo a partir e através de nossas práticas socioculturais cotidianas movidas pela linguagem, reconduzindo as palavras do seu emprego metafísico para seu emprego ordinário, como aponta WITTGENSTEIN (1975). A prática social da linguagem, a cultura constituinte de determinada comunidade, suas histórias, o modo como cada pessoa se comporta, os gestos, o tom de voz, o olhar e todo o jogo de linguagem criados são responsáveis pelo processo de construção dos sentidos. Este modo de ver as relações estabelecidas em meio à vida e entre formas de vida inspirado em Wittgenstein, nos auxilia no processo de desconstrução dos ideais representacionistas e essencialistas de educação e podemos passar a ver o mundo e suas práticas



de forma panorâmica, constituída juntamente com as interações dos jogos de linguagem. Este outro modo de ver e, portanto, de compreender possibilidades de sentidos outros ao mundo já é também uma prática e uma postura desconstrucionista, como nos inspira DERRIDA (2011), pois o movimento da desconstrução consiste em realizar a desmontagem de um sistema de modo a se aproveitar as suas peças sob uma nova ordem construtiva. Mais que destruir, é preciso também compreender como um ‘conjunto’ de ideias e práticas se construiu, e, assim, reconstruí-lo. O propósito é tentar desafiar essa "lógica", passando a ver os saberes historicamente acumulados não como um conjunto fixo - verdadeiro ou falso - de conhecimentos abstratos e genéricos, mas como modos de falar e fazer indissociáveis de práticas socioculturais efetivas que, a cada momento, os mobilizam e os re-significam com base em rastros de memórias de outras comunidades de prática constituídas em quaisquer épocas e contextos de atividade humana. (MOURA, A. R. L.; MIGUEL, A.; VILELA, D., 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da problematização indisciplinar de práticas socioculturais no contexto escolar, foram elaboradas pelos alunos das licenciaturas da UNICAMP dezessete propostas que mobilizavam conhecimentos diversos. Para este trabalho destaca-se a proposta que mobilizou diferentes usos dos solos em comunidades de práticas diversas, tais como comunidades agrárias, indígenas e urbanas. Procurou-se problematizar de que modo o “solo” tem relação com “território” enquanto lugar e parte constitutiva das formas de vida: humanas, naturais e tecnológicas. A construção de uma visão panorâmica entre os jogos de linguagem “solo” e “território” permitiram extrapolar as significações unilaterais que tais jogos de linguagem assumem dentro do campo disciplinar da Geografia, por exemplo. Em outras direções o jogo de linguagem “território” e “solo” passa a ter relação com as interações que as formas de vida estabelecem em suas comunidades de prática. Manusear o solo e neste sentido percorrer territórios constitui uma ética e estética outra para as práticas de mobilização do conhecimento na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problematização indisciplinar de práticas socioculturais em contextos escolares apresenta-se como possibilidade outra no processo de intervenção em práticas de estágio dos cursos de formação de professores, uma vez que desafia a lógica tradicional conteudista e



essencialista de conhecimento e desperta para o movimento que afeta e constitui as formas de vida e os cotidianos. Nesta direção, que não é uma direção, mas uma inspiração, uma atitude e uma postura ética em relação a diversidade, atentamos para o fato de que não há uma receita ou um método eficaz - aculturador, cientificista, enciclopedista e colonizador - a ser aplicado nos mais diversos contextos escolares existentes, pois o professor não saberá de antemão, o que irá lhe atravessar, quais serão os encontros que irá constituir entre práticas, territórios e formas de vida e no que estes mesmos encontros poderão acarretar, mas com certeza, estará aberto para a multiplicidade e heterogeneidade constitutiva destes mesmos e outros contextos, práticas e formas de vida.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DERRIDA, J. *Espectros de Marx: O Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Tradução: Ana maria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- _____. *A Universidade sem condição*. Trad. Evandro Nascimento. São Paulo, Brasil: Estação Liberdade, 2003.
- _____. *A escritura e a diferença*. Tradução: Maria Beatriz Marques Nizza da Silva; Pedro Leite Lopes; Pérola Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- _____. *Gramatologia*. Tradução: Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FOUCAULT, M. *A coragem da verdade. O governo de si e dos outros II. Curso do Collège de France (1983-1984)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011
- MIGUEL, A. *Percursos indisciplinados na educação escolar e na formação de professores: uma contribuição para a desconstrução da educação escolar disciplinar*. In: ALMEIDA, M. I. de [et al.] (orgs.). *Políticas educacionais e impactos na escola e na sala de aula*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2012.
- MOURA, A. R. L.; MIGUEL, A.; VILELA, D. **Desconstruindo a matemática escolar sob uma perspectiva pós-metafísica de educação**. Unicamp, Zetetiké, vol.18, Número Temático, p. 129 – 206, 2010.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Coleção: Os pensadores Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975.